

**Pedagogia da memória:  
aparições marianas e congregações católicas no século XIX**

PAULA LEONARDI<sup>1</sup>

Esta comunicação discute como se dá uma pedagogia da memória no catolicismo do século XIX, através do estudo de quatro congregações formadas por homens e por mulheres, que foram criadas em meio as aparições marianas ocorridas neste século: as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário de Gramat, Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, os Missionários de Nossa Senhora da Salette e Missionários de Nossa Senhora de Sion<sup>2</sup>. Parto das ideias de Frances Yates (2007), sobre a arte da memória como parte da Prudência, e Milton Almeida (1999, 2005), sobre um programa visual educativo desenvolvido pela Igreja Católica na Idade Média. O objetivo é analisar se e de que forma esse uso moral e pedagógico da memória permanece em congregações do século XIX, de que forma o masculino e o feminino estão aí presentes e trabalham tanto na produção da memória quanto na divulgação das imagens agentes.

Livros sobre a história da congregação ou de seus personagens, crônicas e regras compõem as fontes desta pesquisa. A hipótese que norteia esta investigação propõe que houve um momento de renovação das imagens agentes e das formas de educação da memória no século XIX com textos, lugares da memória, objetos e rituais. Esta renovação se desenvolveu no quadro das disputas internas e externas da Igreja Católica. Externas com o avanço do liberalismo e a perda de espaços da Igreja. Internas entre os chamados “católicos liberais” e “católicos intransigentes”. Nestes embates, o desenvolvimento do culto a Maria teve um papel significativo, implicando na construção de uma imagem agente específica que visava educar a mulher para um papel específico.

Começo por explicitar as relações entre memória e educação com base em dois autores que desenvolveram suas reflexões sobre a Idade Média. Em seguida, apresento

---

<sup>1</sup> Universidade São Francisco; GEHER (Grupo de Estudos História da Educação e Religião, Fe/USP). Esta pesquisa foi financiada pela Fapesp, no quadro de um projeto de Pós-doutoramento.

<sup>2</sup> Todas foram fundadas na França na primeira metade do século XIX e vieram para o Brasil nas primeiras décadas do século XX. Sagrada Família 1820-1908, Calvarianas 1833-1905, Sion 1893-1912, Salette 1852-1902.

as histórias de fundação de duas congregações que tiveram as aparições marianas em seu princípio discutindo as disputas políticas da Igreja no período. Finalmente, discuto em que medida a produção e educação da e pela memória se desenvolve de forma diferenciada em congregações de mulheres e congregações de homens.

O sentido moral no uso da memória foi discutido e demonstrado por Frances Yates. E a educação da memória e pela memória foi discutida por Milton Almeida, a partir do trabalho de Yates. Essa autora descreveu a passagem da memória como parte da retórica, utilizada como técnica para a memorização (mnemotécnica), para a memória como parte da Prudência e, portanto, com fins morais. O ponto de virada, para esta autora, foram as reflexões sobre a memória produzidas por Alberto Magno e Tomás de Aquino, ambos dominicanos. A arte da memória teria vindo, segundo Yates, da Idade Média, com uma origem obscura anteriormente. De tais origens ela se propagou pelos séculos seguintes, ostentando a marca de um fervor religioso.

No “Ad Herenium” (anônimo atribuído a Cícero na Idade Média tanto por Magno quanto por Aquino)<sup>3</sup>, fonte por excelência para os estudos de memória, a memória compõe as cinco partes da retórica<sup>4</sup>. Neste tratado são apresentados dois tipos de memória: a natural e a artificial. Esta última se fundamenta em lugares (*loci*) e imagens. Para memorizar, “o primeiro passo era imprimir na memória uma série de loci, lugares” (YATES, 2007, p. 19), cujo tipo principal era o arquitetônico, e aí se colocavam imagens que remetiam para o que se desejava lembrar. O que prescreviam os tratados era que essas imagens deveriam ser impressionantes a fim de serem retidas pela memória. Dessa forma elas agiriam auxiliando a lembrança. “Imagens agentes” impressionantes posicionadas estrategicamente, em série, em um lugar específico, era isso que prescreviam os tratados clássicos. Como parte da retórica, a técnica servia diretamente ao orador. Yates lembra que “devemos pensar no orador antigo, movendo-se em imaginação, durante seu discurso, através de sua edificação construída na memória, extraíndo dos lugares memorizados as imagens ali colocadas” (idem, p.19).

---

<sup>3</sup> As três fontes clássicas para o estudo da arte da memória são a *Institutio oratoria* de Quintiliano, o *De oratore* de Cícero e o *Ad Herenium* (anônimo atribuído a Cícero na Idade Média tanto por Magno quanto por Aquino).

<sup>4</sup> *Inventio, dispositio, elocutio, memória, pronuntiatio.*

Em “De Inventione”, Cícero afirmou que a memória era parte importante da Prudência. Neste texto, ele elaborou as definições das virtudes, fonte para o que ficou conhecido como as quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Constança e Temperança. Para Yates foi na Idade Média que se processou efetivamente a transferência da memória artificial da retórica para a ética com Alberto Magno (1193-1206) e Tomás de Aquino (1225-1274) porque ambos consideravam que o “Ad Herenium” também havia sido escrito por Cícero.

A memória, para Magno, não é só repositório de imagens, mas, também, das “intentiones tiradas dessas imagens pela faculdade avaliadora” (YATES, 2007, p. 89). As imagens carregam consigo intenções. Daí sua finalidade moral e educativa. Para Aquino, as intenções escapam facilmente a alma, portanto, é preciso que, através dos sentidos (especialmente a visão), se criem imagens e similitudes para que as **intenções de boas ações** sejam duradouras na alma. Essas imagens devem estar gravadas em lugares. Deve-se apegar-se a elas com sentimento e meditar sobre elas, retornando sempre sobre as mesmas imagens e lugares.

Até aqui, duas funções da memória aparecem como ligadas a ética. Na primeira, a memória, porque compõe a Prudência, serve para lembrar o bom cristão do caminho correto, trata-se de uma pedagogia. Esta prática da memória é tomada como um **esforço individual** e estimulada como tal. Insiste-se nisto nos textos medievais e a repetição deve ser estimulada em afrescos nas capelas e igrejas em diversas pinturas sacras. Sua outra função é de servir como apoio aos oradores, como **técnica mnemônica**. Estes, por sua vez, em seus sermões, certamente utilizavam-se da narrativa como veículo para construção e difusão de novas imagens impressionantes dirigidas aos fiéis a partir do púlpito<sup>5</sup>.

Ainda no século XVI, Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, em seus Exercícios Espirituais indicava o uso controlado, a manipulação sistemática de representações sensíveis e visuais com quadros imaginados como uma das três formas de se chegar a Deus. Os Exercícios eram compostos de quatro semanas de uma série ordenada e precisa de cenas da vida do Cristo. Eles pretendiam conduzir o

---

<sup>5</sup> Yates também apontou indícios de que o uso dessas técnicas também chegava ao público em geral por textos escritos por frades com esta finalidade.

devoto a uma comunicação com Deus. O sujeito estava presente na cena, ao lado dos acontecimentos, tendo o prazer de compartilhar daqueles momentos.

Milton Almeida (1999, 2005) já alertou sobre a construção de um programa visual arquitetado pela Igreja a fim de educar, pela memória, a memória. Este programa se desenvolvia em capelas e igrejas em diferentes afrescos. Imagens das virtudes, imagens agentes impressionantes que, registradas na memória, orientariam a ação e as intenções do sujeito. É sob esta perspectiva que este artigo trabalhará.

As duas congregações masculinas que compõem esta pesquisa, os Missionários de Nossa Senhora da Salette e os Missionários de Nossa Senhora de Sion, tiveram, em sua origem, aparições de Maria. A história dos missionários da Salette, contada em *Le fait de la Salette* principia assim:

*Duas crianças da paróquia de Corps, com doze e treze anos de idade, um menino e uma menina, trabalhando em la Salette-Falavaux, viram, no dia 19 de setembro, um sábado, as 3 ou 4 horas da tarde, uma Dama, muito alta, vestida de branco, carregando uma cruz resplandecente sobre o peito e resplandecia ela mesma de um vivíssimo brilho. A aparição teve lugar a duas horas da vila da igreja, em um pequeno vale, coberto de grama, no meio das altas montanhas, com as circunstâncias que seguem (BASSETTE, 1965, p. 1) <sup>6</sup>.*

Depois de adormecerem após o almoço, os dois pequenos pastores acordaram e partiram para procurar o rebanho que havia se distanciado dali. Após encontrá-lo, retornaram para o local onde estavam e aí encontraram uma dama sentada sobre uma pedra. Ela chorava com o rosto entre as mãos.

“Quando eles estavam próximos e diante desta Dama, eles escutaram sair de sua boca palavras impressionantes. Seu filho está irritado. Ele quer esmagar os homens... ela não pode mais segurar seu braço...” (idem, p. 1).

O que provocava a cólera do seu filho era o trabalho aos domingos, o distanciamento e deserção das igrejas, as blasfêmias, a negligência e abandono da oração. Ela lembrou-os que no ano passado houve carestia na região e que esse ano seria ainda pior se não revertissem esse quadro. Finalmente, ordenou as crianças que

---

<sup>6</sup> Tradução livre.

levassem esta mensagem a todos, se afastou alguns passos, se elevou da terra e desapareceu diante de seus olhos.

Quatro elementos importantes compõem esta primeira narrativa. A (1) narrativa em si que carrega uma (2) imagem impressionante (a aparição) em um (3) local específico, que se transforma em local de culto e de peregrinação, no qual se recorda a aparição e (4) a mensagem que ela trouxe.

Vamos começar pelo fim, pela mensagem da Dama, que logo foi reconhecida pela Igreja como Nossa Senhora. A mensagem chamava os fiéis novamente para a Igreja e os ameaçava. É certo que desde a Revolução Francesa o *status* do catolicismo, não só na França, mas na Europa como um todo, tornou-se incerto e balançando ao sabor das mudanças políticas e da adesão maior ou menor de determinadas regiões aos princípios e ideais da Revolução. Com a separação dos poderes espirituais e temporais, a laicização do Estado e a secularização da sociedade, a Igreja Católica tinha de enfrentar a perda crescente de prestígio, de espaço político e também geográfico.

As formas de enfrentar esse problema foram variadas. Uma delas foi a publicação da Encíclica “Quanta Cura” acompanhada do famoso “Syllabus errorum”, uma lista de 80 proposições que condenavam os chamados “erros modernos”, entre eles o liberalismo, corolário social do naturalismo (TRANVOUEZ, 1988). O *Syllabus* é considerado um marco e se inscreve dentro da política ultramontana que se inicia neste período, ou seja, a expansão do catolicismo de Roma sob a influência direta do papado. A Igreja também tinha divisões em seu interior. E o *Syllabus* também se destinava *aos de dentro da casa* (idem), aos chamados “católicos liberais”.

Seguida do *Syllabus*, se estimularam as peregrinações a Roma para ver o papa, os bispos retomaram as visitas *ad limina*, e procurava-se formar noviços em Roma, submissos a autoridade papal e que difundissem os ideais ultramontanos quando formados. Ao mesmo tempo, com o clero secular enfraquecido, a Santa Sé abriu espaço para a fundação de novas congregações. Este foi o período da feminização do clero e do catolicismo, com uma afluência significativa de mulheres que desejavam entrar para a vida religiosa, mas com uma ação social, ativa, no mundo. A feminização do

catolicismo foi um fenômeno europeu e não só francês (Villares, 2003; Mangion, 2008; Langlois, 1984).

O século XIX também foi um período de mudanças significativas das posições e reivindicações das mulheres em todo o mundo: elas entraram nas fábricas, envolveram-se nos movimentos pela liberação dos escravos e reivindicaram o direito ao voto e o acesso a escolarização. Conforme demonstrou Rosado Nunes, este foi o momento em que a Igreja mudou seu discurso sobre a mulher em direção a afirmação de que o lugar da mulher é no lar e seu papel principal está em ser mãe. Esta autora ressalta que a constituição da família nuclear de tipo urbano, também trouxe com ela a ideia da dona-de-casa e da esposa fiel como figuras emblemáticas da mulher. O discurso da Igreja e de setores conservadores estava determinado a enquadrar as mulheres neste papel específico de esposa e dona-de-casa, que, para eles decorria do seu papel de mulher e mãe.

As mulheres tornaram-se um elemento chave do movimento de renovação da Igreja, no Brasil e no mundo. Além do estímulo a fundação de congregações, confrarias femininas deveriam substituir aquelas formadas por homens. A ideia era que um público mais dócil e obediente, formado por mulheres, seria de mais fácil controle e de pouca penetração de ideias liberais e discussões políticas. O controle do laicato masculino se faria, portanto, por um processo de clericalização e de feminização do catolicismo, segundo Rosado Nunes.

Giorgio afirmou que *a cultura católica do século XIX fundou a valorização do papel maternal sobre os comportamentos sentimentais da piedade feminina. A maternidade da virgem apagou os erros de Eva. É desta imagem que procedem, conjuntamente, uma intensa devoção mariana e a recuperação da maternidade como valor* (Giorgio, p. 195-197). Amor, abnegação e sacrifício de si pelos outros formarão imagens do feminino que habitarão ainda o século XX.

O século XIX foi o período em que a Igreja estimulou fortemente a devoção a Maria que desembocou no Dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pela bula *Ineffabilis Deus* (Tranvouez). O culto mariano ganhou destaque extraordinário neste período com as grandes aparições: em Bac em 1830, Salette em 1846, Lourdes em

1858, Pontmain em 1871. Essas aparições tiveram seu reconhecimento oficial pela Santa Sé. Cerimônias de coroamento, construção de novos lugares santos, reformas de santuários antigos e grande deslocamento de peregrinos para estes espaços aconteceram no período. Nas paróquias encorajavam-se as devoções marianas como a recitação do Rosário.

O dogma da Imaculada Conceição marca a convergência objetiva do ultramontanismo e do movimento mariano porque foi (nas palavras de Tranvouez, 1988, p. 46) *proclamado solenemente pelo papa sozinho, diante de uma plateia de bispos reduzidos ao papel de espectadores, o novo dogma prefigurou a definição da infalibilidade papal.*

O Concílio Vaticano, aberto em 8 de dezembro de 1869 e fechado em outubro de 1870, conseguiu definir a infalibilidade papal pela constituição *Pastor Aeternus* de 18 de julho de 1870. A massa do povo que afluía para os santuários e espaços de peregrinação confortava o intransigentismo ultramontano e lhe dava credibilidade. Conforme afirmou Michaud (1991): a mulher simbólica tornou-se uma jogada, um instrumento de poder e retirou as mulheres da vida.

Agora podemos voltar um pouco para as crianças da montanha da Salette. Elas narraram o ocorrido em 1846. Após inúmeras investigações, o bispo de Grenoble atestou a certeza da aparição em 1851. Entretanto, desde 1847 o bispo já havia autorizado a publicação dos relatórios de investigação da aparição (Stern, 1980). Com a difusão da notícia e o início de peregrinações para o local, em 1852 foi formada a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette, composta por um grupo de padres que seria responsável pela administração do santuário, construído no local da aparição, e que também cuidaria da difusão do culto.

Se havia tanta entrada de mulheres para a vida religiosa no período, porque uma congregação masculina para administrar o santuário, um lugar da memória, e não uma congregação feminina?

Menos conhecida e de menor sucesso como transformação em espetáculo foi a aparição de Jesus para as primeiras irmãs da Congregação da Sagrada Família de Bordeaux. Mas, as aparições marianas faziam sucesso. Em meio àquelas nas quais

Nossa Senhora aparecia para crianças<sup>7</sup>, estão as aparições para personagens que se tornaram centrais em suas congregações: para Catherine Labouré (1830), irmã de caridade; e também para Alphonse Ratisbonne (1842), co-fundador da Congregação dos Padres de Nossa Senhora de Sion. Catherine Labouré teve uma série de visões de Nossa Senhora que a orientou a cunhar uma medalha contendo determinados símbolos e dizeres. Alphonse Ratisbonne, judeu, também teve seu momento diante de Nossa Senhora em sua conversão ao catolicismo. A virgem vista por Alphonse era a mesma da medalha milagrosa de C. Labouré.

Um livro dedicado ao público em geral também se ocupa de construir uma imagem impressionante do momento da aparição que levou Alphonse a conversão. Também neste caso, assim como no livro sobre a aparição na montanha da Salette, o autor teve o cuidado de procurar mostrar *os fatos*.

Assim, ele se propõe a *estudar um fato psíquico em seu momento mais contraído* (Guitton, 1963, p. 37). Mas, o mais interessante são suas considerações sobre o efeito que a medalha causa em quem a contempla. Afirma o autor que: *Estudando-se essa medalha, vê-se nela o que eu chamaria de um “micro-apocalipse”, isto é um ensinamento por imagens e alegorias (ordenadas, mas descontínuas) o que a Igreja Católica pensa virtualmente sobre a Mãe de Jesus Cristo. E esse ensinamento, como no gênero apocalíptico ou no gênero epistolar de S. Paulo tem a característica de ser um espelho do todo. Uma síntese representativa, uma suma popular* (idem, p. 37).

---

<sup>7</sup> As aparições em Lourdes (França) começaram em 11 de fevereiro de 1858; em Pontmain (França) em 17 de janeiro de 1871; em Fátima (Portugal), em 1917.



Medalha Milagrosa

Disponível em: <http://catolicismobrasil.blogspot.com/2009/02/nossa-senhora-das-gracas-medalha.html>,  
acessado em 17/02/2011, 14h35

Para Guitton (1963, p. 38-39), a medalha traz em si a *essência da ideia cristã*. *Seu gênero de representação torna-a acessível tanto ao pensamento teológico como ao pensamento popular*. Digamos também (continua o autor) *que esta medalha e os símbolos que ela continha, tão recapituladores do desenvolvimento antigo, se encontram (...) na origem da sistematização das visões marianas dos séculos 19 e 20. (...) É preciso ao espírito humano a ajuda de um símbolo sintético*. Aqui estão as ideias que Yates encontrou na memória com um uso moral e individual.

Não é demais lembrar que os padres de Sion nasceram com o propósito da conversão dos judeus<sup>8</sup>. As aparições constituem um ponto central no princípio destas instituições e se repetem em todos os seus textos. Essas congregações vieram para o Brasil no início do século XX e aqui também reproduziram, de diversas formas, as imagens agentes que carregavam consigo uma mensagem, uma moral e que educavam. Em primeiro lugar, reproduziam-se os lugares da memória.

Além dos lugares de memória, as imagens agentes repetem-se nas esculturas. Neste Santuário, assim como no de São Paulo, vê-se no jardim uma réplica dos três

---

<sup>8</sup> Sion é o nome do monte onde ficava o Templo de Salomão em Jerusalém, considerado pelo sionismo centro histórico do povo judeu. Mais tarde, com as releituras do carisma, essa ideia inicial foi revista e redirecionada gradativamente para o diálogo inter-religioso e para o ecumenismo.

momentos da aparição da Salette: a virgem sentada sobre a pedra com o rosto entre as mãos, chorando; a virgem falando com os pequenos e finalmente, subindo aos céus<sup>9</sup>.

Mas, para além dos santuários, essas imagens foram muito difundidas no século XIX em narrativas que se propõem a contar, ou a vida de um dos padres fundadores, como é o caso de Ratisbonne ou a história da constituição da congregação, como nos textos que citei antes. Nos casos estudados sempre foram escritas por padres, o trabalho de pesquisa tem destaque, reclama-se sua imparcialidade e caráter de verdade ligando-se a história ou a psicologia. Esta ênfase no caráter historiográfico responde, certamente, a exigências gerais do tempo em que estes livros foram publicados. A pedagogia da memória se transforma, mas não deixa de existir. As imagens agentes continuam impressionantes, mesmo que retomadas dentro de outro recurso narrativo.

Assim, lugares e textos construídos, administrados e escritos por homens mantinham, ao longo do XIX, sua função de educação da e pela memória. Estes religiosos, além da produção dos textos e da administração dos lugares de memória, também elaboravam textos para suas missões e pregações no púlpito, como atestam as regras dos saletinos e dos padres de Sion. Estes homens, portanto, além de construir as imagens em suas narrativas, também detém a palavra pública pela qual as transmitiam.

Mas, e as congregações formadas por mulheres? Como se dava a produção da memória nestas congregações e como as religiosas trabalhavam com a pedagogia da memória? Para finalizar, resta analisar como essa construção da memória se dava nas duas congregações femininas observadas nesta pesquisa. Tanto na Sagrada Família de Bordeaux como na Nossa Senhora do Calvário, por muito tempo suas histórias oficiais, onde também eram construídas imagens ideais, eram feitas por padres. Frequentemente

---

<sup>9</sup> *La Très Sainte Vierge, assise sur la pierre, le visage dans les mains, fondant en larmes, et portant sur la poitrine le crucifix avec les instruments de la Passion, leur inspirera un ardent amour de Dieu, une profonde et inconsolable douleur pour tout ce qui l'offense, une vive et tendre compassion pour les pauvres pêcheurs et un ardent désir de satisfaire pour eux, par la prière et la pénitence.*

*La Vierge debout, toujours en larmes, appelant à Elle les deux petits bergers, leur parlant avec une bonté touchante, portera les Missionnaires aux dévouements généreux et aux labeurs d'un zèle tout apostolique.*

*Enfin, la Vierge remontant au ciel, après avoir franchi le torrent de la Sézia et trace La voie du Calvaire sur La sainte Montagne, montrera aux Missionnaires le terme sublime ou aboutiront leurs efforts persévérants et leurs sacrifices.* INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE. *Constitutions et coutumier*. Tournai: H & L Casterman, 1905, p. 98.

a matéria-prima destes textos oferecidos ao público, era colhida em relatórios regionais, memórias locais, relatos das superiores locais sobre as noviças, enfim, textos das irmãs. Mas a autoria final que ia ao público era de um padre. Somente nas décadas de 1980 que observamos textos escritos por freiras sobre a vida das primeiras irmãs e destinados ao público em geral.

Assim, é possível afirmar, para o caso em estudo, que a produção da memória, juntamente com tudo que isso acarreta (a construção de imagens agentes e um fim moral/educativo), era diferenciada em congregações formadas por homens e em congregações formadas por mulheres. Mas, isso não significa afirmar que não havia produção da memória por parte das mulheres religiosas. Havia, em primeiro lugar uma intervenção, difícil de ser mensurada, é verdade, mas uma intervenção nos textos dos padres que recorriam as suas narrativas e relatos. Em segundo lugar, havia, também, uma pedagogia da memória ligada a oralidade e uma produção da memória em materiais específicos.

Quanto à pedagogia da memória ligada a oralidade, ela pode ser observada através das crônicas e cartas das duas congregações. As mulheres religiosas educavam pela memória a memória conversando com outras pessoas em situações diversas: com os doentes no hospital onde prestavam serviços, com as normalistas nos cursos informais que ofereciam em seu pensionato, na catequese, na conversa com um fornecedor de vinho no portão da casa. Em conversas informais, e não com a palavra pública, elas utilizavam as imagens agentes para educar/evangelizar.

No caso da Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, o culto ao fundador, o *bom pai* Pe Noailles – e esta é uma imagem agente – por ocasião dos milagres a ele atribuídos, se difundiu em São Paulo de “boca em boca”, como atestam as cartas trocadas entre a superiora no Brasil e a superiora francesa. Na ocasião da beatificação do *bom pai*, além de textos e santinhos, as irmãs prepararam relíquias que continham um minúsculo pedaço de pele do fundador que não se decompôs. Em carta de 20 de abril de 1924, a superiora da Congregação em São Paulo, Madre Marthe, comentava: *a veneração ao Bom Pai se propaga. A Superiora, muito ocupada preparando as relíquias, vê sua provisão se esgotar e pede que a renove.*

No século XX, após a morte de uma das superiores da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, também foi retirada uma parte de seu corpo, um pedaço de seu cabelo e, com ele, foram feitas diversas relíquias para serem distribuídas entre as irmãs. Embora já bastante citada, nunca é demais lembrar a afirmação de Perrot (1989) que *é ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória. (...) As mulheres se dedicam (...) à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou excursão, “mil nadas” povoam as cristaleiras, pequenos museus das lembranças femininas.* Mas, apesar da aparente submissão dessas mulheres, em seus textos pessoais se percebe que se sentiam parte de algo que as ultrapassava e se sentiam atuantes.

### ***Considerações finais***

O que se pode depreender desta busca pela manutenção do uso pedagógico da memória nas congregações do século XIX, é a tentativa constante do catolicismo de adentrar e controlar a memória individual povoando-a de lugares e imagens criadas em pinturas, legendas, relíquias e lugares de peregrinação. Para fazer frente aos desafios que a Igreja enfrentava, renovaram-se os lugares e as imagens agentes, principalmente na figura de Maria.

No século XIX não há uma substituição do uso individual da memória para o coletivo. Assim como na Idade Média, continua se encontrando a prescrição do uso da memória e da recordação como fundamento da ética católica e como um exercício individual. No século das aparições marianas, uma imagem de mulher foi difundida pela Igreja. A produção dessas imagens em narrativas estava, sobretudo, nas mãos dos homens, dos padres. Embora houvesse uma pequena possibilidade de intervenção das religiosas nestes textos, elas se dedicavam muito mais ao labor da produção de pequenos objetos e a pedagogia da memória pautada na oralidade. Como já atestaram diversos trabalhos sobre a educação da mulher neste século, ensinava-se a mulher a ler. Quanto a escrita, somente o essencial para utilização cotidiana, não como atividade intelectual. Sua tarefa de mãe ou de esposa preconizada neste século não prescindia da escrita.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Milton José. “A educação visual da memória. Imagens agentes do cinema e da televisão”. *Pró-posições*. Campinas, vol 10 (2), 1999, pp. 5-18.

\_\_\_\_\_. “O triunfo da escolástica. A glória da educação”. *Educação e Sociedade*. Campinas, n. 26, vol. 90, p. 17-39, jan-abr, 2005.

BASSETTE, Louis. *Le fait de la Salette, 1846 – 1854*. Lettre-Preface de Son Exc. Monseigneur Emile Guerry, archevêque-coadjuteur de Cambrai. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965.

GIORGIO, Michela de. “La bonne catholique” In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991, V 4. pp.169-197

GUITTON, Jean. *Conversões dos irmãos Ratisbonne, Theodore Maria Ratisbonne e Alphonso Maria Ratisbonne*. Fundadores da Congregação dos Religiosos e das Religiosas de Nossa Senhora de Sion. 1963.

INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE. *Constitutions et coutumier*. Tournai: H & L Casterman, 1905.

LANGLOIS, Claude. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle. Paris : Les Éditions du Cerf, 1984.

MANGION, Carmen M. *Contested identities*. Catholic women religious in nineteenth-century England and Wales. Manchester: Manchester University Press, 2008.

MICHAUD, Stéphane. « Idolâtries. Représentations artistiques et littéraires. » In : DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991, V 4. pp.126-145.

MISSIONNAIRES DE NOTRE-DAME DE SION. *Règles constitutive de La Société des Prêtres Missionnaires de Notre-Dame de Sion*. 1867.

NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Mère Marie Suzanne*. Quarta superiora geral (1906-1915). Dados pessoais. Circulares.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.18, ago-set. 1989.

ROSADO NUNES, Maria José F. “Le 19e siècle: un tournant dans l’Église catholique et dans La vie des femmes au Brésil.” *Social Compass*, 43 (4), PP. 503-513, 1996.

SAINTE FAMILLE DE BORDEAUX. *Livre Correspondances. Esperance. Maison de São Paulo*. Manuscrito, 1908-1940.

STERN, Jean. *La Salette*. Documents authentiques. Vol I : Documents authentiques. Septembre 1846 – début mars 1874. Paris : Desclée de Brouwer, 1980. Vol II : Documents authentiques. Fin mars 1847 – avril 1849. Paris : Les Éditions du Cerf, 1984. Vol III : Documents authentiques. 1<sup>er</sup> Mai 1849 – 4 novembre 1854. Paris : Les Éditions du Cerf, 1991.

TRANVOUEZ, Yvon. *Catholiques d’abord*. Approches du mouvement catholique en France, XIXe – Xxe siècle. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1988.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

VILLARES, Artur. *As Congregações religiosas em Portugal*. (1901 - 1926). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.